

O OLHAR INTERDISCIPLINAR SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA SAÚDE E BEM-ESTAR DA PESSOA IDOSA

Luana de Castro Teixeira Bueno ¹
Antony Thiago da Silva ²

RESUMO

O presente trabalho apresenta um conjunto de relatos de experiências e vivências por estudantes de graduação de Psicologia, que ofertaram um Curso de Extensão nomeado “Saúde, Espiritualidade e Bem-Estar” destinado às pessoas idosas. Nesse sentido, os encontros ocorreram semanalmente na Universidade Aberta à Terceira Idade (UFPE) e visaram proporcionar a interseccionalidade dos saberes científicos da Psicologia por intermédio da prática docente e dialógica. Desse modo, o resumo se debruça pelo aporte teórico da Gerontologia Educacional, termo compreendido como os estudos e práticas metodológicas destinadas aos idosos, capaz de analisar os conhecimentos sobre as identificações e compreensão sociais sobre a velhice e o envelhecer. Assim, associou-se esses conhecimentos com a pluralidade de campos profissionais, sendo elas: Artes Visuais, Nutrição e Educação Física, cujas dinâmicas utilizadas foram: pintura, poesias, rotina mensal de autocuidado, músicas, exercícios físicos e jogo de palavras. Dito isso, o objetivo do presente trabalho é compreender a interdisciplinaridade no processo de ensino-aprendizagem sobre saúde e qualidade de vida como impulsionador de diálogos e discussões acerca do ser idoso na sociedade e suas reverberações no cuidado consigo e com o outro. Não obstante, associa-se o campo da Gerontologia e Educação à perspectiva dialógica de Paulo Freire, destacando a importância de desmistificar e romper preconceitos e estereótipos sobre os idosos que buscam ocupar e circular no espaço acadêmico. Diante disso, entendeu-se que os aspectos inter e multiprofissionais foram fundamentais para propiciar as trocas de saberes e, em paralelo, desenvolver debates, reflexões e conhecimentos sobre a saúde e bem-estar na velhice. Ademais, percebeu-se a partir do fortalecimento de vínculos afetivos entre os membros, maior participação ativa e dialógica durante os momentos de partilha, sendo repletos de vivências, memórias e aprendizados no decorrer da trajetória pessoal de cada participante, inclusive dos facilitadores.

Palavras-chave: Idosos, Psicologia, Educação, Interdisciplinaridade, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

À medida que a expectativa de vida populacional tem crescido gradativamente em decorrência das melhores condições de vida, como nos serviços de assistência básica e saúde, o mesmo tem ocorrido no campo educacional, sobretudo com a expansão de programas extensionistas nas universidades do Brasil, as quais têm se articulado interna e externamente com o intuito de incluir e estimular cada vez mais o público idoso a se engajar nas atividades propostas, tais como a Universidade Aberta à Terceira Idade – UnATI, que é uma ação

¹ Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, luana10.bueno@hotmail.com;

² Graduando pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, antonythiago1@hotmail.com;

extensionista atrelada ao Programa do Idoso (PROIDOSO), da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROExC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Diante disso, a motivação inicial ao projeto emergiu a partir das vivências acadêmicas no período pandêmico, em razão dos desafios tecnológicos e paradigmas sociais associando a dificuldade existente com o ambiente virtual aos trabalhadores idosos, sobretudo docentes, que passavam por um processo de adaptações e mudanças pedagógicas, sendo recorrente expressões etaristas como: “não sabem mexer na tecnologia”, “deveriam estar aposentados”, “não têm mais idade para isso”. Em síntese, a pessoa idosa ainda nos dias atuais é vista como “decadente”, “caduca” e com pouca capacidade física e intelectual por ser relacionar a velhice à morte, pois segundo um estudo realizado com adolescentes (Koch-filho, 2012), a velhice não tem mais sentido, a não ser morrer.

Nessa direção, a imagética mencionada é arraigada pela associação com a juventude como um período de busca por independência financeira, autodescobrimento e a representação do ápice da vitalidade em vida, tendo como prova disso o olhar sobre o ambiente universitário como um espaço ocupado, majoritariamente, por jovens entre 16 e 18 anos que estão dando seus primeiros passos de formação profissional e pessoal.

Dessa forma, as atribuições negativas sobre os idosos podem influenciar no processo de afastamento social e, conseqüentemente, interferir na saúde do sujeito nos seus mais diversos aspectos. Assim, um dos conceitos basilares do curso de extensão foi sua definição defendida pela OMS (1998) que pontua a saúde como resultado da dinamicidade entre o bem-estar físico, mental, espiritual e social, e não apenas a ausência de doenças. Nessa direção, pontua-se que o envelhecimento ativo engloba a adoção de estratégias que visam incutir um envelhecimento com qualidade, acesso a direitos e a plena participação dos espaços coletivos. Posto isto, adotar tais medidas visam suprir as necessidades dos idosos nas diferentes esferas sociais, além de possibilitar uma maior conscientização da sua relevância no contexto político, familiar e social.

Ademais, é válido pontuar, que segundo as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS) como medida de enfrentamento das nuances apresentadas pela população, é crucial desenvolver uma assistência integral, ofertando de um agrupamento de ações individuais e coletivas que viabilizem a promoção e proteção da saúde, a prevenção de agravos, a socialização e manutenção da saúde. Assim, o projeto teve como intuito a elaboração de ações, sob uma perspectiva multi e interdisciplinar, para melhoria da qualidade de vida desse grupo social, mediante a criação de uma proposta pedagógica cujas atividades propiciaram o desenvolvimento de novos conhecimentos através de discussões, debates e atividades

baseando-se na interseção entre saúde, espiritualidade e bem-estar. Nesse sentido, a proposta objetivou abarcar as reflexões e metodologias capazes de assegurar um processo de envelhecimento pautado na saúde, autonomia e (res)significação do ser idoso. Outrossim, visou-se rever os estereótipos com relação à velhice, promover a autoestima e o resgate da cidadania, valorizando a criticidade, a auto expressão e a reinserção social em busca de um envelhecimento com qualidade ao serem considerados seus particulares contextos socioeconômicos, psicológicos e familiares.

Desta forma, o aporte teórico utilizado foi a Psicologia do Envelhecimento que compreende o fenômeno como um processo de alterações cognitivas, afetivos e sociais, assim como modificações nas perspectivas de vida, motivações e valores característicos da velhice e seus entrelaçamento com os marcadores étnicos, sociocultural e de gênero. Todavia, ainda que a psicologia entenda a correlação entre o envelhecimento e as dificuldades no desenvolvimento biológico, com os estímulos sociais adequados, as limitações biológicas podem ser reduzidas e o desenvolvimento na velhice pode continuar ocorrendo de maneira funcional. Portanto, as metodologias utilizadas no decorrer dos encontros semanais visaram incentivar os ganhos cognitivos, relacionais e psicomotores dada a sua relação com o ambiente e os instrumentos didáticos, tais como desenhos, artes e exercícios físicos.

Desse modo, o artigo se debruça pelo aporte teórico da Gerontologia Educacional, termo compreendido como os estudos e práticas metodológicas destinadas aos idosos, capaz de analisar os conhecimentos sobre as identificações e compreensão sociais sobre a velhice e o envelhecer. Não obstante, associa-se o campo da Gerontologia e Educação à perspectiva dialógica de Paulo Freire, destacando a importância de desmistificar e romper preconceitos e estereótipos sobre os idosos que buscam ocupar e circular no espaço acadêmico.

METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta um conjunto de relatos de experiência e vivências por estudantes de graduação de Psicologia, que ofertaram um Curso de Extensão nomeado “Saúde, Espiritualidade e Bem-Estar” destinado às pessoas idosas visando proporcionar a interseccionalidade dos saberes científicos da Psicologia por intermédio da prática docente e dialógica.

Assim, como aspectos metodológicos adotados no decorrer da proposta extensionista, associou-se esses conhecimentos com a pluralidade de campos profissionais, sendo elas: Artes Visuais, Nutrição e Educação Física, cujas dinâmicas utilizadas foram: pintura, poesias, rotina

mensal de autocuidado, músicas, exercícios físicos, jogo de palavras, entre outras ferramentas didáticas adaptadas ao contexto pedagógico e às demandas e especificidades apresentadas pelo grupo.

Nessa direção, os encontros aconteceram de forma presencial e semanalmente, tendo como duração 1 hora e 30 minutos. O público alvo foi alcançado por intermédio do preenchimento de dados no *formulário google*, onde a meta era alcançar o total de 20 idosos, independente da renda, localização, escolaridade e gênero, ou seja, o único pré-requisito para participar dos encontros era possuir 60 anos ou mais.

A partir disso, o presente estudo será composto por observações colhidas durante o curso de extensão, haja vista que as vivências dos idosos serviram como norte para explicitar as nuances coletivas do ser idoso e suas atribuições de sentidos sobre os seus próprios processos heterogêneos e plurais de envelhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. EXPERIÊNCIAS DE VIDA DIANTE DA FINITUDE HUMANA: UMA PERSPECTIVA AMPLIADA SOBRE A QUALIDADE DE VIDA NA VELHICE

Sabe-se que o envelhecer é um processo natural que implica em mudanças graduais e inevitáveis relacionadas à idade, apresentando-se com vários desafios ligados às diversas alterações fisiológicas e imagéticas acerca do sujeito no decorrer dos anos, sendo uma questão associada, principalmente, à finitude humana. Isso porque, ainda nos dias atuais, é comum o envelhecimento de pessoas idosas ser relacionado, necessariamente, com doenças e sua ressonância negativa e comprometedora enquanto experiência de vida, onde acredita-se que são sujeitos passivos sem capacidade de adaptação, fortalecimento e reorganização diante das alterações funcionais, cognitivas e emocionais.

Todavia, tais como as demais necessidades humanas, os aspectos de saúde são social e historicamente determinadas e situam-se entre natureza e cultura, ou seja, não dizem respeito somente à conservação da vida, mas à realização de um projeto em que o indivíduo, situado entre o particular e o genérico, progressivamente se humaniza (Hino *et al*, 2009). Com isso, evidencia-se que são diversos os fatores que contribuem para a determinação de uma boa qualidade e prolongamento de vida, a depender da exposição ao estresse, prática de esportes, alimentação saudável, momentos de autocuidado e lazer, fazer exames de rotina de forma contínua, entre outros exemplos de prevenção e promoção à saúde.

Entretanto, torna-se inevitável afirmar o impacto significativo da desvalorização, estigmatização e segregação social que desconsidera e deslegitima as potencialidades do idoso nos espaços sociais, sobretudo, ao se pensar em sua circulação em ambientes acadêmicos como estudante universitário por intermédio de projetos de extensão.

Uma das provas do olhar etarista e genérico acerca do envelhecer foi que, em 2021, a CID-11 atualizou a CID-10 que estava vigente desde 1992 como recurso para identificar tendências e estatísticas de saúde, com cerca de 55 mil códigos para lesões, doenças e causas de mortes (OPAS/OMS, 2022). Nessa atualização foi proposta a inclusão do código MG2A para catalogação da velhice, a fim de substituir o termo senilidade (código R-54), que representava o processo de envelhecimento associado a diversas alterações decorrentes de doenças crônicas, como hipertensão arterial, diabetes, doenças cardíacas, pulmonares, renais e neurológicas, bem como hábitos inadequados adquiridos ao longo da vida.

Nesse sentido, os argumentos favoráveis ao código Velhice na CID-11 sustentam que o registro das causas de morte objetiva fornecer informações para organização dos sistemas de saúde, sendo as causas mais recorrentes alvos prioritários de intervenção. Porém, essa catalogação foi revisada e revertida por meio de movimentos de resistência fundamentados na contextualização de que o processo de envelhecimento é vivido por cada indivíduo de forma complexa, heterogênea e multifatorial, envolvendo a interação de diferentes aspectos biopsicossociais, sob as condições culturais, históricas, políticas, econômicas e geográficas (Schneider, Irigaray, 2008). Outros sinônimos utilizados para velhice são descritos como velhice avançada sem psicose, senescência sem psicose e debilidade senil, sendo termos que socialmente constituem e favorecem a perspectiva limitada, patologizante e pejorativa no que tange a compreensão do ser idoso para além de sua condição física, sem considerar seus valores, crenças, desejos e história de vida.

Baseado nisso, no decorrer do curso de extensão, houve propositalmente reflexões e indagações convidativas a formulação de debates e diálogos entre os participantes, tais como: “O que é saúde para mim?”, “Como desenvolvo minha espiritualidade?”, “Para mim, ter bem-estar significa...” “Viver mais tempo significa viver com mais qualidade?”, “Será que todos têm direito a um envelhecimento saudável?”, “Quais são as principais barreiras institucionais de ser uma pessoa idosa no Brasil?”. A partir disso, trazendo como recorte algumas palavras-chaves que remeteram à saúde no decorrer dos encontros foram: Autonomia; Autoconfiança; Poder de decisão; Relação entre a mente e o corpo; Felicidade; Fazer o que quiser; Mudança; Inclusão; Equidade; Individualidade, entre outras.

Somado a isso, em um dos encontros foi realizado como atividade a apresentação de algumas imagens que são facilmente encontrados em espaços, sejam públicos ou privados, no cotidiano usados para representar idosos, como vagas de estacionamento e filas de espera, onde comumente há a figura de uma pessoa curvada portando uma bengala e com uma das mãos apoiando as costas. Com isso, os participantes foram indagados se eles concordavam com as figuras apresentadas, aliado aos questionamentos posteriores: “O que é ser idoso?” “Como se dá o processo de envelhecer?”.

Nesse sentido, é necessário pontuar que apesar de haver atualmente uma mudança de paradigma social acerca das representações sociais desse grupo, sendo substituído em alguns estabelecimentos pela imagem de um sujeito ereto que não se utiliza de nenhum instrumento de apoio, ainda sim, tem-se reconhecido como um processo lentificado e gradual tanto para o público de forma geral quanto para os indivíduos idosos que, ao longo de seu envelhecimento, têm enfrentado diversas barreiras atitudinais, institucionais, familiares e sociais. Portanto, para muitos, ser velho é ter o andar cambaleante, é ser uma pessoa não tão vaidosa, é ser e aparentar fragilidade para, então buscar assistência e atenção em seu momento de maior fragilidade corporal e psicológica.

Todavia, conforme os participantes do curso foram se manifestando referente aos assuntos abordados em sala de aula, foi perceptível a criticidade latente acerca da própria realidade vivida de cada um, sobretudo ao que se dizia respeito a como eram tratados no cotidiano, por exemplo, no ambiente laboral, com as dificuldades de se manter no mercado de trabalho conforme se envelhece ou de buscar atividades prazerosas ao sair do mesmo.

Prova disso foi uma pesquisa realizada por Bruns e Abreu (1997 apud Rodrigues *et al*, 2005) que reforçou a variável falta de planejamento como causadora de angústia e solidão na pós-aposentadoria, ao concluir que a realização pessoal fica sempre como um esboço de projeto para ser concretizado após a aposentadoria e, quando esta chega, as pessoas sentem-se surpresas e desencantadas por não saberem gerenciar criativamente e com prazer a existência sem uma ocupação profissional, mesmo quando a atividade antes exercida era executada com insatisfação (Rodrigues *et al*, 2005).

Outro contexto perceptível foi o entendimento sobre o recorte de gênero e a relação com o cuidado no espaço familiar, visto que como a maioria da turma era composta por mulheres aposentadas, muitas partilhavam discursos similares quando se tratava da sobrecarga sentida pelas responsabilidades que tinham com as tarefas domésticas, conjugais e nos cuidados com os filhos e netos, mesmo após a aposentadoria. Nesse sentido, é crucial destacar que os aspectos de gênero corroboraram para que o público fosse composto majoritariamente

por mulheres, em razão, que o papel de gênero e suas determinações moldam as funções sociais e o sentimento de identificação e pertencimento. Em outras palavras, o fato dos homens não serem estimulados a adotarem práticas de cuidados dificulta a autopercepção como responsáveis e construtores do autocuidado, ou seja, contribuindo para o afastamento ou ausência da participação de locais condizentes com a temática mencionada (Pocahy, 2016).

Portanto, para esse trabalho, torna-se válido trazer como observação o entrelaçamento entre educação e gênero em virtude que a partir da construção sócio-histórica e cultural do lugar do saber, as mulheres são estimuladas a assumirem profissões e performances ancoradas na prática do cuidado, como: professoras, enfermeiras, mães e etc. Todavia, esse cuidado é centralizado no outro. Diante do exposto emerge o seguinte questionamento: “Quanto tempo do nosso dia cuidamos de nós mesmos?”. Assim, a pergunta supracitada visa engendrar e provocar compreensões sobre os processos de saúde e as práticas individuais que potencializam a manutenção de uma vida saudável.

2. POSSIBILIDADES, DESAFIOS E BARREIRAS NA EDUCAÇÃO DIANTE DA OCUPAÇÃO DE PESSOAS IDOSAS NO ÂMBITO ACADÊMICO

A educação é um dos instrumentos fundamentais para a inclusão social, vez que proporciona ao cidadão o sentimento de plenitude frente à capacidade de se expressar e exercer seus direitos, em todos os níveis e estratos sociais. Percebe-se que a importância da educação estende-se às pessoas mais velhas, na medida em que se verifica o aumento considerável de idosos nos bancos dos cursos de graduação das universidades brasileiras (Leite, França, 2016).

Com base nisso, foi notória a necessidade de abordar assuntos ainda bastante academicistas e elitistas atrelando à rotina diária dos sujeitos de forma lúdica e didática, tendo sido convidados palestrantes de diversos campos do saber, tais como: Artes Visuais, Educação Física, Psicologia e Nutrição, que puderam contribuir ampliando os conhecimentos já adquiridos dos participantes, como também sendo possível haver uma construção plural diante do engajamento e da participação ativa em sala de aula durante as atividades propostas, como poesias, desenhos, pinturas e dança.

Dessa forma, torna-se clara a necessidade da interdisciplinaridade na produção e na socialização do conhecimento no campo educativo, a qual vem sendo discutida por vários autores, principalmente por aqueles que pesquisam as teorias curriculares e as epistemologias

pedagógicas, visto que ela busca responder à necessidade de superação da visão fragmentada nos processos de produção e socialização do conhecimento (Thiesen, 2008).

Para Goldman (1979, p. 3-25), um olhar interdisciplinar sobre a realidade permite que entendamos melhor a relação entre seu todo e as partes que a constituem, pois apenas o modo dialético de pensar, fundado na historicidade, poderia favorecer maior integração entre as ciências (Thiesen, 2008). Com isso, a interdisciplinaridade deve ser a base da educação permanente, considerando os idosos como possuidores de uma história pessoal e de uma bagagem de conhecimentos constituída ao longo da vida, que devem ser aproveitadas e potencializadas (Cachioni, Neri, 2004).

Em paralelo a isso, no Brasil, a construção da educação gerontológica avança principalmente a partir da atuação de cursos de pós-graduação em gerontologia; sendo fortalecida pela criação de Universidades da Terceira Idade, importante locus de programas para idosos, de pesquisa e de formação de recursos humanos, embora nelas ainda predominem ações pedagógicas não-especializadas.

É válido ressaltar que o campo de estudo sobre Gerontologia Educacional é bastante amplo e ainda muito escasso no âmbito nacional a nível de estudos e pesquisas, cujos estudiosos nacionais ainda se utilizam de referenciais teóricos estrangeiros a fim de compreender melhor os possíveis atravessamentos acerca do campo de educação ao público idoso, englobando também a formação dos profissionais que atuam com e para a população idosa, e da sociedade em geral, nas questões relativas ao envelhecimento, sendo estas suas três áreas majoritárias de atuação designadas assim por Peterson (1990 apud Lins, 2020).

Dito isso, uma crítica válido a ser feita são os congressos na área do envelhecimento, os quais sempre privilegiam temas relacionados às enfermidades, exaltando, assim, a geriatria em detrimento da gerontologia social, e mais especificamente, da gerontologia educacional o que faz com que os “mitos” e estereótipos sobre o processo de envelhecimento e a velhice permaneçam na sociedade (Lins, 2015 apud Lins, 2020).

Isso porque apesar de constar no Estatuto do Idoso, Lei nº.10.741/2003, que o velho(a) brasileiro(a) tem assegurado direitos especiais, como a garantia de acesso à educação, lazer e cultura, é nítido que a educação formal atual dirigida ao velho(a) brasileiro ainda está muito longe de atender às necessidades formativas desse grupo, no qual se faz o uso indevido da palavra educação, para nomear muitos programas que seriam mais bem descritos, como recreação ou participação, e que eles se apresentam sob o título de educação (Lins, 2020).

Diante disso, Palma e Cachioni (2002 apud Scoralick-Lempke, Barbosa, 2012) ressaltam que é extremamente significativa a procura, por parte dos idosos, por atividades

educacionais em programas oferecidos em universidades, associações e sindicatos, em cursos de línguas, de formação profissional e de reciclagem, em sistemas de aprendizagem aberta e de formação à distância. De acordo com as autoras, em países como a Suécia e o Japão, as taxas de participação da população de adultos e de idosos nessas atividades situam-se em torno de 50%, evidenciando, portanto, o interesse e a motivação desse segmento da população em adquirir novos conhecimentos, aumentar sua rede de suporte social e/ou construir suas próprias trajetórias (Scoralick-Lempke, Barbosa, 2012).

A oferta de programas que forneçam atividades e estímulos para os idosos parece ser, portanto, importante nessa fase da vida, a fim de que eles possam desfrutar de um envelhecimento equilibrado entre os declínios, decorrentes do próprio processo, e os benefícios, que podem ser proporcionados através dessas estratégias (Scoralick-Lempke, Barbosa, 2012). Entretanto, observa-se que ainda é pequeno o número de iniciativas educacionais para essa população, principalmente no Brasil, onde elas se restringem a praticamente duas possibilidades: educação de jovens e adultos e universidades abertas para a terceira idade, cenário este que deve ser problematizado e repensado pelos profissionais e trabalhadores da educação, assistência e saúde à população idosa no que tange não somente a prevenção, como também a promoção e incentivo à continuidade de ações e programas estratégicos de qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo evidenciam a relevância de adotar e incentivar a Universidade Aberta à Terceira Idade, haja vista que as ações do projeto potencializam o processo de inclusão social e autonomia. Nesse sentido, destaca-se que a metodologia serviu como aporte construtor de (res)significações do que é ser idoso. Assim, o ato de questionar sobre o envelhecimento e explicitar os preconceitos etários foi fundamental para que os participantes categoriza-se a velhice como uma etapa da vida que representa vitalidade e continuidade da existência, ou seja, abandonando a imagética social que o ser idoso é frequentar a fila preferencial da morte.

É imprescindível pontuar, que a associação da velhice com a doença ressoa na comunidade acadêmica e suas produções, em virtudes, que a maioria das pesquisas científicas sobre idosos são sobre cuidados paliativos ou das suas inter relações com os cuidadores. Assim, destaca-se a escassez de pesquisas que demonstrem os efeitos das práticas pedagógicas sob um olhar interdisciplinar nas vivências e trajetórias educacionais na velhice.

Por fim, pontua-se a importância de compreender os idosos como sujeitos de direitos que são atravessados por questões de gênero, raça e aspectos socioeconômicos, pois o ato de conhecer os idosos em sua totalidade permite uma visão holística das suas necessidades.

REFERÊNCIAS

CACHIONI, M, NERI, A. L. Educação e gerontologia: desafios e oportunidades. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, 99-115 - jan./jun. 2004.

KOCH-FILHO, Herbert Rubens et al. Uma reflexão sobre o preconceito etário na saúde. *Revista Gestão & Saúde*, v. 4, n. 2, p. 40-48, 2012.

LEITE, Soniárlei Vieira; FRANCA, Lucia Helena de Freitas Pinho. A Importância da intergeracionalidade para o desenvolvimento de universitários mais velhos. **Estud. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 831-853, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812016000300010&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em: 10 de Outubro de 2023.

LINS, Tereza. Gerontologia Educacional Brasileira: Causas e consequências do seu estado embrionário e das suas áreas majoritárias de atuação. **Revista Interseção**, Palmeira dos Índios/AL, v. 1., n. 1, ago. 2020, p. 49-61.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS), ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). A versão final da nova Classificação Internacional de Doenças da OMS (CID-11) é publicada, fev. de 2022.

POCAHY, Fernando. Gênero, sexualidade e envelhecimento:(micro) políticas de subjetivação e educação. *Em Aberto*, v. 29, n. 95, 2016.

RODRIGUES, Milena et al . A preparação para a aposentadoria: o papel do psicólogo frente a essa questão. **Rev. bras. orientac. prof**, São Paulo , v. 6, n. 1, p. 53-62, jun. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902005000100006&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em 20 nov. 2023.

ROCHA, Sheila Marta Carregosa; CANTINI, Adriana Hartemink. A dialética da década 2020-2030: Envelhecimento saudável versus velhice com CID-19. In: Congresso Internacional de Direitos Humanos de Coimbra, 2021.

SCORALICK-LEMPKE, N. N.; BARBOSA, A. J. G.. Educação e envelhecimento: contribuições da perspectiva Life-Span. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 29, p. 647–655, out. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/HphbDX8GSnBHpgyVm7D9tyG/>> Acesso em 10 de Outubro de 2023.

THIESEN, J. DA S.. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 39, p. 545–554, set. 2008.



HINO, P. et al.. Necessidades em saúde e atenção básica: validação de instrumentos de captação. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 43, n. spe2, p. 1156–1167, dez. 2009.